

**INSTANCIANDO O
IMAGINATIVISMO: OS
DESPOSSUÍDOS DE LE GUIN
COMO INSPIRAÇÃO**
*INSTANTIATING
IMAGINACTIVISM: LE GUIN'S
THE DISPOSSESSED AS
INSPIRATION¹*

Joan Haran²
Universidade de Cardiff

Tradução: Thayrone Ibsen (UFAL)³
Revisão da tradução: Ildney Cavalcanti (UFAL)⁴

1 Este artigo foi publicado originalmente em *Ada – a Journal of Gender, New Media and Technology*, no. 12, 2017, e a autorização para sua tradução e publicação foi gentilmente concedida pela editoria da revista e pela autora. Doi: <https://doi.org/10.13016/M2GT5FH08>.

2 Dr. Joan Haran é Honorary Fellow da School of Social Sciences, da Universidade de Cardiff, Cardiff, País de Gales. Este artigo resulta de seu projeto de pesquisa intitulado “Imaginactivism: Utopian Imaginaries, Cultural Production and Social and Political Action”, custeada pelo European Union’s Horizon 2020 Research and Innovation Program, com auxílio do Marie Skłodowska-Curie Grant Agreement No. 661561. E-mail: joanharan@gmail.com.

3 Mestre em Estudos Literários pelo PPGLL, Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Alagoas, Maceió, Brasil. E-mail: t.i.knightt@gmail.com.

4 Doutora em English Studies pela University of Strathclyde, Glasgow, Escócia. Professora e pesquisadora do PPGLL, Faculdade de Letras, Ufal, Maceió, Brasil. E-mail: Ildney.cavalcanti@fale.ufal.br.

Resumo: Este artigo introduz o conceito de imaginativismo para investigar os modos nos quais comunidades interpretativas e ativistas são formadas, inspiradas e revigoradas pela produção ficcional da cultura. Várias instâncias de imaginativismo, incluindo uma proposta fílmica, uma coleção de contos e um painel organizado para o Simpósio Tiptree são discutidos.

Palavras-chave: imaginativismo, utopia, produção ficcional, justiça social, Ursula Le Guin.

Abstract: This article introduces the concept of imaginativism to investigate the ways in which interpretive and activist communities are formed, inspired and reinvigorated by fictional cultural production. Several instantiations of imaginativism, including a film pitch, a collection of short stories, and a panel organized for the Tiptree Symposium are discussed.

Keywords: imaginativism, utopia, fictional production, social justice, Ursula Le Guin.

Introdução

Quando se deu início ao planejamento para a edição de dezembro de 2016 do *Simpósio Tiptree*, na Univerdade de Oregon, pode-se razoavelmente ter imaginado que, além de celebrar a vida e obra de Ursula K. Le Guin, o evento também serviria como celebração da eleição da primeira mulher Presidente dos Estados Unidos da América. Entretanto, na condição de organizadoras⁵, nosso interesse foi focar na capacidade de imaginar o mundo de maneiras alternativas, o que a ficção de Le Guin incorpora, posto que a incumbência do Presidente Obama não havia, de maneira alguma, marcado o fim das lutas por justiça social, seja dentro das fronteiras estadunidenses, seja no contexto global. O movimento Black Lives Matter (Vidas Negras Importam), os/as ativistas em proteção da água reunidos/as em Standing Rock e as intersecções

⁵ Membros da comissão organizadora do *Simpósio Tiptree*: Joan Haran, Linda Long, Ben Saunders, Philip Scher e Carol Stabile. Edmond Chang e Alexis Lothian organizaram painéis individuais.

da sua resistência demonstraram vividamente que as justiça racial, econômica e ambiental estavam em grande falta nos Estados Unidos. No entanto, na época em que o evento tomou forma, o resultado da eleição presidencial havia nutrido novas preocupações acerca de quais lutas políticas necessitariam de adesão. Em onze meses da nova administração⁶, a necessidade de recursos para o fortalecimento das nossas imaginações políticas é plenamente evidente⁷.

Desde 2014, venho trabalhando com o conceito de “imaginativismo”, a fim de refletir sobre e investigar os modos nos quais comunidades interpretativas e ativistas são formadas, inspiradas e/ou revigoradas pela produção ficcional na cultura. Cunhei o termo estrategicamente⁸, mas, apropriadamente, ele parece capturar a imaginação das pessoas. Acredito que ele encoraja o leitor ou leitora a preenchê-lo com significado e a usá-lo de acordo com seus critérios. Seria ele um substantivo descritivo? Trataria-se de uma injunção – “Imagine o Ativismo!”? Seu significado pende mais para a imaginação, para o ativismo, ou essa palavra composta incorpora utilmente seu enredamento – um enredamento que frequentemente passa despercebido⁹?

Para mim, o conceito de imaginativismo oferece uma forma alternativa de pensar sobre e/ou analisar o que eu chamaria de impulso utópico – o desejo de seguir rumo a uma utopia concreta ou cotidiana (COOPER, 2014) – e sua expressão. Essa alternativa é necessária em parte por causa da resistência à linguagem da utopia por parte de alguns/mas daqueles/as cujos projetos eu consideraria utópicos. De acordo com Ruth Levitas, “a utopia concreta incorpora o que Bloch defende ser a função utópica essencial, aquela que simultaneamente antecipa e efetua o futuro” (1997, p. 67). Em minha pesquisa, estou explorando intervenções

6 No momento da submissão para publicação, em novembro de 2017.

7 Faço referência às políticas estadunidenses porque aquele era o contexto nacional no qual o simpósio foi instalado. Obviamente, os Estados Unidos não estão sozinhos no enfrentamento aos desafios políticos urgentes.

8 Cunhei o termo imaginativismo porque pensei que ele seria uma maneira de capturar a atenção de potenciais financiadores/as de pesquisa quando propus meu projeto de pesquisa atual à Comissão Europeia pela segunda vez: http://cordis.europa.eu/project/rcn/196122_en.html.

9 N. do T.: No original, “un(re)marked”, que também sugere aquilo que não é comentado.

culturais que procuram incorporar essa simultaneidade de antecipação e efetuação de um futuro dotado de justiça racial, econômica e ambiental. Ao passo em que desenvolvi esse projeto de pesquisa, comecei também a pensar mais sobre as maneiras pelas quais o trabalho infraestrutural que faço com meus e minhas colegas e colaboradores/as é uma instância do imaginativismo. Isto é, ao criar oportunidades de disseminação do trabalho de outros e outras e ao unir membros de comunidades ativistas e imaginadas que, de outra forma, possivelmente não teriam tido o ensejo de um encontro, estamos aumentando o potencial para as mudanças necessárias. Neste artigo, elaborarei o que quero dizer com imaginativismo, delinearei alguns exemplos ou instâncias e concluirei situando as contribuições de adrienne maree brown e Grace Dillon em relação às comunidades conectadas das quais seu imaginativismo surge e para as quais retorna.

Definindo e Implementando o Imaginativismo

Imaginativismo é – talvez de maneira auto-evidente – uma palavra composta a partir de Imaginar e Ativismo, mas com a intenção de conotar a relação processual entre imaginação e ação dispostas a fazer mudanças no mundo. O objetivo da cunhagem é sinalizar uma relação positiva e efetiva entre a criação e o compartilhamento de visões de um mundo melhor que é possível e ser compelido/a por essas visões a empreender ação prática. Ela também sugere que valorizemos a imaginação e a criatividade como um processo ativo de produzir uma visão que, por sua vez, é um precursor necessário para ação global, e seu compartilhamento com e dentro de uma comunidade de ideias. A temporalidade dessa relação pode funcionar de maneiras diferentes; nossas visões compartilhadas podem surgir de ações tomadas por nós, ou podem coemergir ou ser co-criadas, mas o ponto importante é que não consideremos a prática de imaginar como simples escapismo ou recuo do mundo. Posiciono meu trabalho com o imaginativismo no jogo de cama-de-gato, que Donna Haraway tem identificado, sob variadas formas, com “os

Estudos da Ciência, a Teoria Feminista e os Estudos Culturais” (1994), “Ficção Científica e Fabulação Especulativa” (2011) e outras variantes do que Katie King chama de feminismos da ficção científica (HARAN & KING, 2013). Como observa Haraway:

Em suma, o ponto é fazer uma diferença – não importando o quão modesta, parcial, ou desprovida de grandes garantias narrativas ou científicas. Em épocas mais inocentes, há muito tempo, tal desejo de ser cosmopolita era chamado de ativismo. Prefiro chamar esses desejos e práticas pelos nomes de toda uma infinidade de projetos feministas, multiculturais, antirracistas e tecnocientíficos (HARAWAY, 1994, p. 62).

Em meu trabalho anterior sobre a utopia, lidei com a definição de “luta perpétua”, tirada do romance *Pacific Edge*, de Kim Stanley Robinson, para dar a idéia de que a utopia é algo que você faz, ao invés de simplesmente uma visão estática de um estado ideal, e o imaginativismo é uma cunhagem proposta a realizar trabalho semelhante. Em *Pacific Edge*, a utopia é caracterizada como “o processo de construir um mundo melhor, o nome para um caminho que a história pode seguir, um processo dinâmico, tumultuado, agonizante, sem fim. Luta perpétua” (ROBINSON, 1995, p. 81). Tanto o imaginativismo quanto essa caracterização de utopia são semelhantes ao uso feito por Haraway do termo “worlding”¹⁰, que se refere aos processos emaranhados de imaginar/construir mundos e ser imaginado/construído por mundos.

Instâncias Empíricas do Imaginativismo

No esforço de preencher empiricamente o conceito, minha pesquisa atual foca nos modos pelos quais comunidades interpretativas – e talvez ativistas – são formadas, inspiradas e/ou revigoradas pela produção ficcional da cultura. Meu estudo de caso inicial foi a tentativa em andamento de Starhawk e de

10 N. do T.: Sem tradução precisa, a própria autora esclarece o significado.

um grupo de produtores/as de adaptar seu romance utópico ecofeminista *The Fifth Sacred Thing* para o cinema. A coletânea de contos *Octavia's Brood*, organizada por adrienne maree brown e Walidah Imarisha logo se tornou um estudo de caso adicional. Em ambos os casos, o processo de produção torna aparente o trabalho coletivo de imaginar e criar um objeto cultural, assim como a forma com que as possibilidades oferecidas pela mídia social e novas plataformas financiadoras permitem que criadores e criadoras influenciem a circulação e distribuição de suas visões mais diretamente.

Os/as produtores/as da adaptação fílmica proposta de *The Fifth Sacred Thing* procuraram o apoio de fãs do romance no Kickstarter, em 2011, a fim de viabilizar uma convincente campanha de divulgação do filme, enquanto, em 2013, as organizadoras de *Octavia's Brood* não apenas recorreram ao financiamento coletivo para a produção do livro, através do Indiegogo, como também apoiaram as histórias de ativistas de justiça social em oficinas e inseriram, em seu plano de publicação, uma turnê por cidades estadunidenses que as permitiria facilitar, adicionalmente, oficinas de ficção visionária com ativistas de justiça social. Nos dois casos, muitas pessoas investiram dinheiro, esperança e tempo na possibilidade de criar uma nova intervenção cultural – em um caso, um longa-metragem; no outro, a edição de uma coletânea de contos.

Venho desenvolvendo esses estudos de caso porque acredito que a forma da intervenção cultural em cada caso é pertinente. Tanto Starhawk quanto as organizadoras de *Octavia's Brood*, Walidah Imarisha e adrienne maree brown, buscam caminhos múltiplos para compartilhar suas visões de justiça ambiental, econômica e racial. As três são engajadas em um complexo conjunto de escrita, apresentação e práticas educacionais, mas os/as apoiadores/as das campanhas no Kickstarter e no Indiegogo queriam, em ambos os casos, ver a criação de um artefato cultural particular que fosse disponível a eles/as como telespectadores/as e leitores/as. Queriam também que esse artefato – um filme ou uma coletânea de contos – fosse

disponibilizado para uma audiência mais ampla, para além da rede de apoiadores/as. Starhawk, adrienne maree brown e Walidah Imarisha, todas atuam como intelectuais públicas, através de suas postagens em *blogs*, jornalismo e ensino, tanto dentro quanto fora da academia. No entanto, nessas instâncias em particular, os/as apoiadores/as não estavam patrocinando a continuidade desse trabalho geral, mas sim a produção de um texto delimitado contendo alguma descrição que constituísse um objeto em volta do qual telespectadores/as / leitores/as / fãs / ativistas em potencial fossem reunidos/as.

Conforme já comentei, a campanha no Indiegogo a favor do *Octavia's Brood* incluía o plano de

financiar uma turnê nacional na qual não apenas [fariamos] leituras da antologia, como também [realizaríamos] oficinas de escrita e [organizaríamos] sessões estratégicas através das quais [poderíamos] apoiar comunidades, transformando suas ideias visionárias em ação concreta! (2013)

Em teor semelhante, a campanha no Kickstarter pelo *The Fifth Sacred Thing* apresentou as intenções de seus/suas produtores/as caso obtivessem sucesso em produzir o filme:

Traremos recursos para o centro das cidades através de conexões com organizações comunitárias com as quais temos relações de longa data. Colocaremos um *website* no ar, contendo extensos recursos, e desenvolveremos várias maneiras pelas quais pessoas que são inspiradas pela visão podem aprender as habilidades necessárias para realizá-las e se conectar com outras pessoas que dela partilham. Queremos que o filme ajude a nutrir e apoiar os movimentos já crescentes a colocar nosso mundo em um caminho de paz, justiça e harmonia ecológica (*The Fifth Sacred Thing*, 2011).

O fenômeno do ativismo de fãs não depende da formação desses caminhos por parte de criadores e criadoras, mas

Starhawk e companhia, Imarisha e Brown empenharam-se em potencializar suas próprias participações em movimentos sociais e ativismo para recrutar telespectadores/as e leitores/as em projetos de construção de mundo que vão além das fronteiras dos textos financiados por eles e elas. Elas estão intencionalmente empenhadas em fornecer recursos que irão empoderar outras pessoas a tomar atitudes que visam mudança social, e oferecem ficção como um desses recursos por conta das maneiras pelas quais elas mesmas se valeram dela.

Uma Rede Estendida de Imaginação e Ação

Certamente, esse enredamento de imaginação e ação não se limita a intervenções discretas e às respostas que elas suscitam. Como demonstrou o *Simpósio Tiptree*, as obras de Ursula Le Guin continuam a oferecer inspiração para ação a muitos/as, muito depois de suas datas de publicação originais. De maneira semelhante, elas contribuem para seu próprio *status* de intelectual pública, assim como o de amada anciã na comunidade da ficção científica feminista, resultando em extensivo engajamento com quaisquer intervenções públicas de Le Guin – em *blogs*, entrevistas ou discursos de agradecimento em premiações, por exemplo. No entanto, minha pesquisa busca unir temporariamente uma rede de objetos e relações para desvendar aquilo que move alguém a contribuir com financiamento e/ou investir esperança enquanto se contitui como parte interessada em levar um produto cultural em particular à consecução. Tenho curiosidade quanto à extensão do entendimento dessas pessoas acerca de tais produtos culturais enquanto parte e parcela de projetos políticos nos quais também estão investidas. Cada intervenção depende de e tenta conclamar um público ou audiência imaginada que é investida em visões particulares de um mundo melhor que é possível¹¹.

11 No projeto do meu futuro livro, estudos de caso adicionais incluirão *WisCon*, “a maior convenção de ficção científica feminista do mundo”; e o *James Tiptree Junior Literary Award*, concedido anualmente, desde 1992, a uma obra de ficção especulativa que explora ou expande noções de gênero.

Em cada estudo de caso, cada materialização de imaginativismo, o objeto em particular deve ser entendido como um corte através de uma conexão ou rede muito mais complexa de relações entre textos, leitores/as e uma gama de comunidades de prática. Como aponta adrienne maree brown (2017) em *Emergent Strategy*: “linhagem, para mim, tanto é importante de se nomear, quanto impossível de se rastrear” (p. 25). Na linhagem que ela oferece para seu conceito de “estratégia emergente”, à qual em outra ocasião ela se refere brevemente como algo surgido de suas leituras da ficção científica de Octavia Butler, ela lista também família, movimento, amigos/as e colegas de trabalho e um número de outras escritoras e escritores, mas a obra de Butler parece cristalizar, para ela, algo da inspiração que ela é compelida a compartilhar através de sua escrita, do seu ativismo e de sua escrita sobre ativismo. adrienne reflete sobre seu processo de escrita:

Depois de muita deliberação, optei por não incluir boa parte da análise sobre Butler e *spoilers* neste livro – sua obra é incrivelmente forte e clara. Se você ainda não a leu, sinta-se à vontade para largar este livro e ir ler tudo que ela escreveu, e depois volte aqui. Devo avisar, eu a referencio constante e casualmente nestas páginas, como se você também tivesse lido a obra e soubesse do que estou falando. O mesmo se pode dizer sobre quase todas as pessoas que referencio – este livro não é sobre analisar os livros e obras de outras pessoas. Se você quer mais, vá ler as pessoas e livros que referencio, e em seguida consuma as obras que eles/as referenciam. Eu quero seguir em frente a partir de onde outras pessoas terminaram, ou ao menos do ponto de impacto entre sua obra e a minha (p. 37-38).

Em sua franca fala a seus leitores e leitoras, adrienne captura, para mim, algo do que estou me esforçando para conceitualizar através do termo “imaginativismo”. A linguagem do “ponto de impacto entre sua obra e a minha” sugere que a obra dela é movida, por exemplo, pela de Butler. Assim, talvez

pudéssemos imaginar o impacto de uma bola de bilhar que põe outra bola em movimento, talvez numa trajetória desejada e, talvez, por um deslize, numa trajetória aleatória ou indesejável. Ou pudéssemos pensar no impacto como o de um seixo lançado num lago e as ondulações que espalham por causa dele. Ou poderíamos imaginar um tipo de impacto completamente diferente – um menos balístico – com os dedos de brown roçando nos de Butler (ou talvez os de Le Guin), enquanto alça de suas mãos a figura emaranhada da cama de gato e cria um outro padrão do qual seus leitores e leitoras podem obter inspiração, ou talvez reconfigurar mais uma vez.

Montando o Pannel

Se podemos pensar no ato de recrutar a audiência para uma proposta de adaptação fílmica ou uma coletânea de contos como instâncias de imaginativismo, talvez possamos considerar os esforços de organização de um simpósio como uma outra. A edição de dezembro de 2016 do *Simpósio Tiptree*, na Universidade de Oregon, em celebração à Ursula Le Guin foi o terceiro grande evento desde 2013, naquela universidade, com foco na ficção científica feminista. Por experiência, antecipamos que a audiência seria uma mistura de acadêmicas/os, escritoras/os, editoras/os e fãs que compõem as comunidades da ficção científica feminista. No caso desse tipo de ficção, a qualidade iterativa do imaginativismo se torna muito clara. O simpósio atraiu múltiplas comunidades convergentes, com histórias e relações que precedem significativamente essa materialização particular. Tendo ciência de que essa audiência seria extremamente versada e altamente politizada, a ideia de convidar palestrantes para apresentar leituras atentas altamente polidas da obra de Le Guin parecia redundante. Ademais, tendo em mente o desalento e raiva alternantes, provocados pelo resultado da recente eleição presidencial, nessa comunidade temporariamente reunida, pareceu importante explorar as maneiras pelas quais a ficção da homenageada poderia ajudá-las/os a reimaginar possibilidades.

Como observou Samuel Delany em “To Read *The Dispossessed*”: “um estudo de um gênero que inclui apenas uma descrição de livros deve ser um estudo limitado. Qualquer exploração plena deve abordar o impacto desses livros em leitores/as e escritores/as” (2011, p. 161). Na minha pesquisa, tenho interesse no(s) “impacto(s) desses livros” nas vidas de leitoras e leitores para além de qualquer interpretação do texto ou satisfação com ele, enquanto temporalmente limitado por seu arco narrativo ou pela experiência temporalmente demarcada de uma única leitura do romance. Eu quero saber como as pessoas usam os livros e como e por que esses livros tornam-se úteis, para além da leitura prazerosa. Dessa forma, convidei adrienne maree brown e Grace Dillon para conversar sobre as maneiras pelas quais foram movidas ao ler Le Guin, e as razões pelas quais estavam dispostas àquele movimento, acreditando que, no processo, elas moveriam sua audiência (alerta de *spoiler*: elas conseguiram isso!).

Em preparação para o painel, reli *Os Despossuídos* e *Floresta é o Nome do Mundo*, assim como alguns dos ensaios da própria Le Guin, tirados do *The Language of the Night* e – pelo apelo de Debbie Notkin – o ensaio “To Read *The Dispossessed*”, de Samuel Delany. Compartilhei o ensaio de Delany com adrienne e Grace e sugeri que elas poderiam querer (re)lê-lo em preparação para o painel. Em se tratando do objetivo de mudar os humores de nossa audiência, nenhum dos romances de Le Guin é ficção consoladora, mas eles oferecem às leitoras e leitores explorações ponderadas sobre os meios pelos quais a justiça social e a ambiental são interligadas e os meios pelos quais a política é inseparável da ética, servindo como recursos vitais para o desenvolvimento de robustas abordagens na contestação de injustiças contemporâneas. Tive a impressão de que esses aspectos da obra de Le Guin provavelmente teriam causado um impacto nas duas palestrantes que convidei. Em um e-mail que enviei a elas em antecipação à palestra, escrevi:

Eu reli os dois romances recentemente e fui impactada pelas maneiras pelas quais

alguns dos incidentes neles e/ou certa porção da linguagem usada pelas personagens narradoras parece apontar para a importância de relê-los em nossa atual situação histórica e política. Por exemplo, em *Os Despossuídos*, no episódio em que os jovens rapazes “brincam” de criar uma prisão (ressoando os experimentos de Milgram,¹² mas também lembrando às/ aos leitoras/es de outros abusos aos direitos humanos associados à imaginação carcerária e às práticas de policiamento racista), ou o episódio que descreve a supressão brutal da demonstração na praça do Capitólio em A-io, parecem muito com eventos contemporâneos ou possibilidades do futuro próximo. Em *Floresta é o Nome do Mundo*, nosso acesso ao mundo interno do Capitão Davidson e à expressão grosseira do seu racismo, especismo, sexismo etc. e o modo pelo qual isso está conectado a uma visão extrativista e instrumentalista do mundo material simplesmente parece ressonante demais com a visão de mundo por trás do oleoduto Dakota Access e a resposta da polícia militarizada a ativistas em proteção às águas.

Então, estou curiosa sobre as suas próprias experiências de leitura desses romances, e de que maneiras elas lhes provocaram (em itálico no e-mail original) (correspondência pessoal).

O título do painel foi “A Ficção de Le Guin como Inspiração para o Ativismo”, porque eu quis ser absolutamente explícita sobre a esperança que muitas/os de nós temos quando recorremos à ficção científica feminista, e de que formas a obra de Le Guin recompensa essa esperança. Pedi que adrienne e Grace considerassem falar sobre *Os Despossuídos* e *Floresta é o Nome do Mundo* em relação aos seus próprios ativismos e organizações de justiça social contemporânea, mas, no evento, teríamos tempo apenas para discutir *Os Despossuídos*. Embora o *Floresta é o Nome do Mundo* não tenha sido discutido explicitamente, quero registrar que ele formou parte do contexto para o desenvolvimento do painel. A exploração da violência e do lucro do colonialismo

¹² Aqui associo os experimentos de Stanley Milgram com obediência à autoridade (de 1961 até o começo da década de 1970) ao Experimento Prisional de Stanford, de Philip Zimbardo, em 1971.

feita pelo romance, escrito parcialmente em resposta à Guerra do Vietnam, parecia ressoar com tanta força com o que estava acontecendo em Standing Rock desde o verão de 2016 que foi inevitável para o texto tornar-se parte do nosso entendimento acerca da contribuição vital por parte de Le Guin.¹³

Nossas trocas de *e-mail* em antecipação ao simpósio já foram, em si, comoventes. As duas palestrantes estavam engajadas e confiantes, com adrienne mencionando seu trabalho com estratégia emergente e Grace mencionando futurismos indígenas e o curso em Standing Rock, no qual ela estava trabalhando. Minha já existente crença de que ficção e ativismo estão interligados foi reforçada por ambas em nossas curtas conversas. Também mencionei que já vira Winona LaDuke e Vandana Shiva fazerem falas bem frequentadas e inspiradoras em Eugene, então vinha pensando sobre a consciência ecológica de Le Guin em um contexto mais amplo de ativismo ecofeminista. Pontuo esses tópicos porque me parece que parte do trabalho do imaginativismo está no modo com que tecemos juntas a inspiração que derivamos da ficção com recursos que reunimos em outros lugares e os compartilhamos, e o trabalho que fazemos com ele, com nós mesmas. Ademais, tanto LaDuke quanto Shiva são excelentes contadoras de histórias.

Pensando com Le Guin

Convidei adrienne e Grace a pensarem com Le Guin dessa maneira porque eu sabia que ambas já estavam engajadas com movimentos que levavam a sério o papel da imaginação e a produção criativa como parte e parcela do ativismo. Seus respectivos trabalhos com ficção visionária – ficção científica escrita por quem trabalha com justiça social – e futurismo indígena contestam explicitamente o *status quo* supremacista branco por meio da oferta de visões alternativas e também do apoio mútuo de suas comunidades de prática. Elas também demonstram seu apreço por genealogias da ficção científica feminista para além

¹³ É claro, as tribos unidas e os/as aliados/as não-Nativos/as evitaram resolutamente a escolha pela violência que é o destino dos/as Athsheanos/as no romance.

dos movimentos cujos trabalhos apoiam. Assim sendo, eu estava confiante que elas responderiam ao convite que Delany identifica em “To Read *The Dispossessed*”: “Tudo, no livro, que nos pede que o consideremos um romance de idéias, também pede que o associemos, não importa o quão sensível e inteligentemente, e no ângulo apropriado, ao real” (2011, p. 108).

Eu escolhi *Os Despossuídos* como ponto de partida para uma discussão que se movesse para além do texto em si porque, como muitas ficções utópicas/distópicas, ele parecia particularmente pertinente em um momento em que a competição do discurso público por futuros imaginados estava (e permanece) virulento, e ainda assim requer que suas/seus leitoras/es se engajem ativamente com o texto para que ele possa ajudá-las/os a dar sentido a suas dificuldades contemporâneas. A audiência reunida provavelmente teria se engajado dessa forma quando (se) lesse o romance por conta própria, mas pensei que seria importante compartilhar a especificidade dos engajamentos de Grace e adrienne. Como já observei, eu esperava que pudéssemos conversar sobre *Floresta é o Nome do Mundo*. No entanto, nosso tempo era limitado, então focamos n’*Os Despossuídos*. É necessário que seja explicitamente reconhecido que essa estrutura limitada/limitadora arrisca excluir – ou, no mínimo, ocluir – os mundos que cada pessoa que lê traz para qualquer texto, incluindo outras obras do mesmo autor ou autora, outros textos ficcionais ou não-ficcionais e as várias comunidades de discurso às quais pertence qualquer sujeito leitor e com as quais contribui (de fato, Grace fez referência aos ensaios de Le Guin). De qualquer forma, o foco em um único texto nos dá uma oportunidade de refletir e conversar sobre algumas das maneiras por que somos movidas por textos e por nossas leituras deles. No meu *e-mail* para adrienne e Grace, as convidei a explorar seus próprios diálogos com *Os Despossuídos* e outras obras de Le Guin, perguntando: “Quanto do impacto desses textos sobre você é sobre você como leitora, e quanto é sobre você como escritora, quanto é sobre (você) como membro de comunidades?” Também as convidei a reestruturar a pergunta, caso preferissem.

Tanto adrienne quanto Grace abriram suas falas localizando-se em comunidades de resistência – Grace falando da comunidade anarquista pacifista fundada por nativos e nativas, onde foi criada, e adrienne sobre seu atual lar em Detroit, uma “cidade pós-apocalíptica” onde “pessoas pretas e marrons têm experimentado com outras formas de ser neste mundo – após o capitalismo, sob o capitalismo, em resistência direta ao capitalismo”, sugerindo que elas entendem que suas práticas de leitura e escrita, e, de fato, seus ativismos, são inseparáveis dos coletivos aos quais elas pertencem.

Inventando Nossas Vidas

A própria Le Guin (2004) argumenta que:

todas/os nós precisamos aprender a inventar nossas vidas, contruí-las, imaginá-las. É necessário que nos ensinem essas técnicas; precisamos de guias que nos mostrem como fazer essas coisas. Se não soubermos, outras pessoas inventarão nossas vidas por nós. (2004, p. 208)

É por isso que o letramento é tão importante, ela acrescenta, porque: “literatura são as instruções de operação. O melhor manual que temos. O guia mais útil para o país que estamos visitando, a vida” (p. 210). Perguntei a adrienne e Grace como essas afirmações ressoavam com suas próprias leituras da ficção de Le Guin, e com seus próprios trabalhos de escrita, ensino, edição e ativismo.

A resposta dada por adrienne no simpósio tecia em seu entendimento a ideia de Le Guin como um surpreendente espírito familiar, de ler *Os Despossuídos* como uma chamada à ação e encontrar no texto uma exploração de filosofia anarquista que ela queria compartilhar tanto com anarquistas auto-identificadas/os quanto com críticas/os. Ela também relacionou diretamente os desafios que Shevek enfrenta no romance aos seus próprios desafios como escritora de ficção visionária e como ativista, e

destacou o que ela considera serem as questões cruciais que o texto ilumina, sobre a auto-transformação e a responsabilidade necessárias para a construção dos mundos melhores que imaginamos. No que tange à análise dos componentes do meu termo imaginativismo, ela também apontou para a necessidade de evitar a tentação de refugiar-se para dentro da obra de escritoras visionárias como Le Guin e Butler, mas, em vez disso, usá-las como pontos de partida para asseverar nossas próprias visões do futuro, tomando a responsabilidade pela sua criação.

A resposta de Grace conectou seu interesse por *Os Despossuídos* à sua própria criação em uma comunidade anarquista pacifista e rapidamente passou a discutir o ativismo de ativistas em proteção às águas e o entrelaçamento entre teoria e prática. Ela fez comparações entre os processos de tomada de decisão em comunidades indígenas com os feitos em Anarres e sugeriu que, para ela, o modo de pensar de Le Guin parece indígena. Ela também celebrou os modos em que a ficção possibilita o compartilhamento de visões que podem servir como pontos de propulsão para idealizações posteriores.

Não elaborarei muito mais as contribuições de adrienne e Grace para o Simpósio, visto que vocês podem lê-las nas palavras originais¹⁴, mas eu quis chamar atenção para as maneiras pelas quais seus respectivos engajamentos com *Os Despossuídos* foram iterativos, interligados em suas filiações a comunidades, e mobilizaram o texto a serviço de seus projetos internacionais ao invés de procurar um significado definitivo. No dia do *Simpósio Tiptree*, suas comunicações nas linhas desse sentido de movimento foram palpáveis; membros da audiência expressaram suas esperanças renovadas e compromisso com mudança social e política. Enquanto estava facilitando essa conversa, eu ainda não a havia conscientemente concebido como uma instância de imaginativismo. No entanto, espero que, ao elaborar a concepção do painel que facilitei, eu tenha fornecido uma demonstração da relação processual entre imaginação e ação propostas a mudar o mundo, e de que modos ela depende do trabalho ativo e colaborativo com uma visão compartilhada.

14N. do T.: Cf. a edição de número 12 da revista *Ada*, disponível em: <https://adanewmedia.org/issues/issue-archives/issue12/>.

Referências

brown, a.m. *Emergent Strategy*. Chico and Edinburgh: AK Press, 2017.

COOPER, D. *Everyday Utopias*. Durham and London: Duke University Press, 2014.

DELANY, S. “To Read The Dispossessed” In: DELANY, S (org). *The Jewel-Hinged Jaw: Notes on the Language of Science Fiction*. Middletown, US: Wesleyan University Press, 2011 (1977).

HARAN, J.; KING, K. “Science Fiction Feminisms, Feminist Science Fictions & Feminist Sustainability.” *Ada: A Journal of Gender, New Media, and Technology*, n. 2. (2013). doi:10.7264/N30P0WXQ (<http://dx.doi.org/10.7264/N30P0WXQ>)

HARAWAY, D.J. “A Game of Cat’s Cradle: Science Studies, Feminist Theory, Cultural Studies.” *Configurations*, Maryland, vol. 2, n. 1, p. 59-71, 1994.

—. “SF: Science Fiction, Speculative Fabulation, String Figures, So Far: The Pilgrim Award Speech.” *Ada: a Journal of Gender, New Media, and Technology*, n. 3: Feminist Science Fiction. 2013 [2011]. Disponível em: < <https://adanewmedia.org/2013/11/issue3-haraway>>

IMARISHA, W.; brown, a.m. eds. *Octavia’s Brood*. Chico and Edinburgh: AK Press, 2015.

Le GUIN, U. *The Dispossessed*. London: Gollancz, 2002 (1974).

—. *Os Despossuídos*. Tradução Susana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2019.

—. “The Operating Instructions.” In: Le GUIN, U. *The Wave in the Mind: Talks and Essays on the Writer, the Reader, and the Imagination*. Boston: Shambala Publications, 2004.

—. *The Word for World is Forest*. New York: Tor, 2010 (1972).

—. *Floresta é o Nome do Mundo*. Tradução Heci Regina Candiani. São Paulo: Morro Branco, 2020.

LEVITAS, R. “Educated Hope: Ernst Bloch on Abstract and Concrete Utopia.” In: DANIEL, J.A.; MOYLAN, T. (Orgs.) *Not Yet: Reconsidering Ernst Bloch*. London and New York: Verso, 1997.

Octavia’s Brood: Science Fiction Stories from Social Justice Movements. 2013. — Campanha no Indiegogo. (<https://www.indiegogo.com/projects/octavia-s-brood-science-fiction-stories-from-social-justice-movements>)

ROBINSON, K. S. *Pacific Edge*. London: Harper Collins, 1995.

STARHAWK. *The Fifth Sacred Thing*. New York: Bantam, 1993.

The Fifth Sacred Thing. 2011. The Fifth Sacred Thing — Campanha no Kickstarter. (<http://www.kickstarter.com/projects/fifthsacredthing/the-fifth-sacred-thing>)